



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 36 | 2017

As formas da História das Ideias (em homenagem a José Esteves Pereira)

A Rebelião das Massas, quase um século depois

Renato Epifânio



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3757>

DOI: 10.4000/cultura.3757

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2017

Paginação: 309-312

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Renato Epifânio, « *A Rebelião das Massas, quase um século depois* », *Cultura* [Online], vol. 36 | 2017, posto online no dia 04 dezembro 2019, consultado a 06 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3757> ; DOI : 10.4000/cultura.3757

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 janeiro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A Rebelião das Massas, quase um século depois

Renato Epifânio

Desde 2004 até à minha jubilação assegurei uma disciplina de Pensamento Hispânico Contemporâneo tendo chamado a atenção para a flagrante actualidade do pensamento de Ortega y Gasset.

José Esteves Pereira, in *A última lição*, 74. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

- 1 Tendo tido a sua primeira de muitas edições em 1930, a obra *A Rebelião das Massas*, de Ortega y Gasset, mantém uma actualidade renovada no século XXI, em particular com o advento das redes sociais, que tanto têm redefinido, para o bem para o mal – a nosso ver, mais para o mal do que para o bem –, a forma como habitamos o mundo e como convivemos uns com os outros. Para o atestar, iremos aqui transcrever algumas das suas passagens mais significativas (a partir da seguinte edição: *A Rebelião das Massas*, tradução de Artur Guerra. Lisboa: Relógio d'Água, 1989), em particular as referentes ao “tipo humano” que Ortega considerou ser aquele que no seu tempo passou a ser “o dominante”, “o homem-massa”, qual “homem hermético, que não está verdadeiramente aberto a nenhuma instância superior” (27), esse “homem médio que hoje se vai apoderando de tudo” (35):

Este homem-massa é o homem previamente esvaziado da sua própria história [que, como nos diz noutra passagem, é, tão-só, “a realidade do homem” (20)], sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas ‘internacionais’. Mais do que um homem, é apenas *uma* carapaça de homem constituído por meros *idola fori*; carece de um ‘dentro’, de uma intimidade sua, inexorável e inalienável, de um *eu* que não se possa revogar. Daí que esteja sempre na disponibilidade de fingir ser qualquer coisa. Só tem apetites, crê que só tem direitos e não crê que tem obrigações [...], como não sente que existe sobre o Planeta para fazer algo determinado e impermutável, é incapaz de entender que há missões particulares e mensagens especiais. (16)

- 2 Diante de uma só pessoa podemos saber se ela é massa ou não. Massa é todo aquele que não se valoriza a si mesmo – como bem ou como mal – por razões especiais, mas que se sente ‘como toda a gente’ e, no entanto, não fica angustiado, sente-se à vontade ao sentir-se idêntico aos outros. (42)

O que é característico deste momento é que a alma vulgar, sabendo-se vulgar, tem o denodo de afirmar o direito à vulgaridade e impõe-no onde quer que seja [...]. A massa arrasa tudo o que é diferente, egrégio, individual, qualificado e selecto. (45)

O homem-massa é o homem cuja vida carece de projecto e anda à deriva. Por isso não constrói nada [...]. É este tipo de homem que no nosso tempo decide. (67)

- 3 Eis, para Ortega, como nos diz logo a abrir a primeira parte da obra, “o mais importante facto na vida pública na hora presente” (39):

A multidão, de repente, tornou-se visível, instalou-se nos primeiros lugares da plateia da sociedade. Dantes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social; agora passou para a boca de cena, é ela a personagem principal. Já não há protagonistas: só há coro. O conceito de multidão é quantitativo e visual. Traduzamo-lo, sem o alterarmos, à terminologia sociológica. Encontramos então a ideia de massa social. A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois factores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. (41)

- 4 Sendo que, logo de seguida, nos faz esta ressalva importante:

Não se entenda, pois, por massas só, nem principalmente, ‘as massas operárias’. Massas é o ‘homem médio’. Deste modo se converte o que era meramente quantidade – a multidão – numa determinação qualitativa: é a qualidade comum, é o mostrengo social, é o homem na medida em que não se diferencia de outros homens, mas que repete em si um tipo genérico.

- 5 Acrescentando ainda, umas páginas mais à frente:

A divisão da sociedade em massas e minorias excelentes não é, portanto, uma divisão em classes sociais, mas em classes de homens, e não pode coincidir com a hierarquização em classes superiores e inferiores [...], no seio de cada classe social, há rigorosamente massa e minoria autêntica. (43)

- 6 E conclui, desconstruindo assim, à partida, qualquer eventual acusação de classismo social: “não é raro encontrar hoje entre os operários, que antes podiam valer como o exemplo mais puro disto que chamamos ‘massa’, almas egregiamente disciplinadas”. Para Ortega, como faz questão de frisar a abrir o segundo capítulo da obra, essa “rebelião das massas” constitui “uma novidade absoluta na história da nossa civilização” (45), sendo que a grande razão disso foi “a deserção das minorias dirigentes” – para Ortega, é esse o “reverso da rebelião das massas” (65). Ora, ainda segundo Ortega, e desconstruindo aqui uma ideia feita (e sobretudo falsa) sobre o seu próprio pensamento, essa deserção não foi uma mera “circunstância”, pois que, como expressamente defende: “É falso, pois, dizer que na vida ‘decidem as circunstâncias’. Pelo contrário: as circunstâncias são o dilema sempre novo ante o qual nos temos que decidir. Mas é o nosso carácter que decide” (66).

- 7 Concordando genericamente com o diagnóstico que nos faz Ortega nesta sua obra, e sublinhando a sua actualidade renovada no século XXI, não podemos deixar aqui, em jeito de conclusão, de referir uma objecção que, em devido tempo, lhe fez o filósofo português Amorim de Carvalho, com a qual concordamos igualmente: “a dualidade massa-elite, em cada homem, tornou possível uma progressiva culturalização, isto é, elitização das massas. O que me obriga a não aceitar a tese de Ortega y Gasset é que ele

considera a distinção entre o homem-massa e o homem-elite como sendo dois casos completamente diferentes e separados: a maioria dos homens é *massa* e somente massa; a minoria é *elite* e somente elite – o que nos impede de claramente explicar o fenómeno da comunicação entre a maioria e a minoria, e os movimentos sociais em que as duas forças do homem concreto, real, se indeterminam, uma delas funcionando como a subdeterminação e a outra como a superdeterminação” (in *O fim histórico de Portugal*, 21. Lisboa: Ed. Nova Arrancada, 2000). Talvez esteja aqui, nesta objecção a nosso ver pertinente, uma porta de saída para a circunstância que Ortega tão eloquentemente descreve e denuncia.

RESUMOS

Na sua “última lição”, reiterou-nos José Esteves Pereira “a flagrante actualidade do pensamento de Ortega y Gasset”. Nesta nossa breve reflexão, a partir de obra *A Rebelião das Massas*, explicitaremos como isso para nós se verifica.

In his “last lesson,” José Esteves Pereira reiterated to us “the blatant relevance of Ortega y Gasset’s thought”. In our brief reflection, from the work *The Mass Rebellion*, we will explain how this for us is verified.

ÍNDICE

Keywords: Ortega y Gasset, The Mass Rebellion

Palavras-chave: Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas

AUTOR

RENATO EPIFÂNIO

Instituto de Filosofia, Universidade do Porto, Portugal. r.epifanio@sapo.pt

Professor Universitário, Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Dirige a *NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI* e a colecção de livros com o mesmo nome. Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).

University Professor, Member of the Institute of Philosophy of the University of Porto and the Institute of Portuguese-Brazilian Philosophy. He directs the *NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI* and the Collection of books with the same name. He chairs the MIL: Movimento Internacional Lusófono (International Lusophone Movement) since its legal formalization (2010).